

IDENTIDADE E ADOLESCÊNCIA: expectativas e valores do projeto de vida

Denise D´Aurea Tardeli

Professora e Pesquisadora da Universidade
Católica de Santos/UNISANTOS.

dtardeli@unisantos.br

Resumo

Esta investigação documenta, com base em teorias do desenvolvimento e estudos sobre adolescência, alguns aspectos que configuram a construção da identidade de jovens que estudam em uma escola pública de grande porte da cidade de Santos, na faixa etária de 10 a 13 anos. Por meio de um instrumento, especialmente elaborado para trabalhar o projeto de vida, reconhece os aspectos da cultura local nos processos identitários, assim como as expectativas e expressões culturais específicas da etapa de vida que enfrentam. Destaca a importância da relação com a família, com o grupo de amigos e dá conta dos projetos profissionais e de trabalho que os adolescentes criam a partir de suas condições sócio-econômicas e sua trajetória escolar, com ênfase para os estudos. É um breve estudo que possibilita pensar as projeções futuras dos adolescentes em sua construção de personalidade.

Palavras-chave: adolescência; projeto de vida; identidade; moral; desenvolvimento.

IDENTITY AND ADOLESCENCE: EXPECTATIONS AND VALUES OF LIFE PROJECT

Abstract

This investigative documents, based on developmental theories and studies on adolescence, some aspects that make up the construct of identity of young people studying at a large public school in the city of Santos, in the range of 10-13 years. By means of an instrument specifically designed to work the project of life, recognize the aspects of local culture identities processes, as well as the expectations and expressions of cultural in that particular stage of life they face. Stresses the importance of the influence from the family, with the group of friends and admits the professional projects and work that young people create from their own socio-economic context and their school trajectory, with emphasis to their studies. This is a brief study that allows the projected future to think of teenagers in their construct of personality.

Keywords: Adolescence; Project of life; Identity; Moral; Development.

Introdução

Pesquisas sobre adolescência - área quase esquecida em meados do século XX – atualmente são um produtivo campo da psicologia do desenvolvimento. Como qualquer outra área vital da psicologia, os estudos com adolescentes refletem significativamente os temas teóricos e empíricos da ciência psicológica no geral e da psicologia evolutiva em particular. Um tema atual, como as implicações sócio-históricas e o impacto na formação do pensamento, assim como os temas tradicionalmente pesquisados como as forças intra-individuais, se tornaram o *top* nas pesquisas com adolescência e juventude há duas décadas. Inicialmente, focando nos aspectos institucionais, econômicos e culturais, na contemporaneidade, o interesse se voltou para a cultura e aspectos contextuais que têm alterado a concepção de desenvolvimento dos sistemas teóricos, como apontam os estudos de Bronfenbrenner (1979) e Lerner e Steinberg (2004).

A partir daí, diversas respostas têm sido dadas à pergunta “quem são os jovens de hoje?”. Recorremos à psicologia da educação para buscarmos elementos que ajudem a entendê-los. Nesta direção, os definimos inicialmente a partir da etapa de desenvolvimento em que se encontram, o que sugere uma categoria genérica e homogênea: a adolescência. Esta etapa se identifica com contextos de diversos aspectos: emocionais (confrontos e crises), atitudinais (mudanças e rebeldia) e sociais (isolamento e transgressão de normas). Ainda que estas manifestações sejam reais, não são parâmetros absolutos para definir a todos os adolescentes em todos os contextos. A adolescência é um conceito histórico que adquiriu distintas conotações de acordo com o momento e a sociedade que se relaciona (ÁRIES, 1981). Assim, neste estudo, procuramos reconhecer e os jovens em sua especificidade como alunos, em suas condições morais, sociais e históricas e nos contextos concretos em que se formam.

A adolescência, como categoria teórica, é somente uma das várias referências para pensar os jovens. Eles são também estudantes, filhos, amigos, consumidores, trabalhadores, homens ou mulheres e muito mais. Tudo isto forma um amálgama de forma particular sobre o que significa para cada um ser jovem. A cultura vivida e internalizada em vários âmbitos se sintetiza de maneira diferenciada e singular em cada história pessoal e contextual. Cada indivíduo ou grupo constrói sua identidade de maneira complexa no marco das próprias condições sociais, econômicas e históricas, e os significados que definem sua cultura local em relação à global (PUIG, 1998).

Além disso, diante de tantas transformações e oscilações políticas, econômicas e sociais, que promovem cada vez mais o individualismo e a competitividade, a adolescência se torna um período interessante, pois é neste momento da vida que o jovem sente a necessidade de uma inserção social mais ampla, assim como a demanda para a sua participação aumenta. Ele é compelido interna e externamente a ampliar seu contexto social, a inserir-se no mundo do trabalho e a buscar relações afetivas mais íntimas. Com a investigação, que resultou neste estudo, procuramos explorar a idéia do adolescente como ser ativo e participativo, capaz de atuar no mundo profissional, projetar-se na construção de seu futuro e da sociedade em si, valorizando os laços afetivos e sua preocupação com o outro. Neste sentido, o seu projeto de vida é um elemento essencial na construção da personalidade moral (D'AUREA TARDELI, 2006, 2009). O projeto de vida neste artigo ficará entendido como uma estrutura psicológica, que reflete as direções centrais do indivíduo, que determinam sua posição e pertencimento a uma sociedade concreta. Se considerarmos o ato de valorar, como uma experiência fundamentalmente humana, que se encontra no centro de toda escolha de qual vida queremos ter, como explica La Taille (2009), a construção de um plano de vida, nada mais é, do que dar prioridade a certos valores, escolher o que é melhor e evitar o que é prejudicial para se chegar à meta destinada.

Outra referência – bastante relevante - para definir os jovens é a escola. Neste contexto, são “naturalizados” na posição de alunos e, a partir daí, se desenrola uma série de adjetivos que os rotulam em função da norma institucional. Então, surge uma bipolarização segundo os parâmetros do discurso escolar: o “bom” ou o “mal” aluno, ou definições mais pejorativas. Isto reduz a possibilidade de entender o jovem como sujeito inteiro e reconhecer neles tanto a heterogeneidade como a potencialidade, em seus aspectos adversos.

É necessário o reconhecimento da condição biopsicossocial destes sujeitos, que constroem sua identidade em função de sua intimidade e autonomia, assim como seus próprios valores e projetos (PUIG, 1998), referendada por uma crise pessoal que assinala a adolescência. Esta crise é tida como potencialidade dos sujeitos, segundo Erikson (1992), na qual a cultura local e as condições sociais, comunitárias e familiares incidem, de alguma maneira, além dos processos e relações em que os adolescentes enfrentam e tentam solucionar os conflitos de sua identidade.

Trataremos neste estudo, a identidade – *self* - como uma articulação complexa e multidimensional de elementos psicológicos, sociais, culturais e afetivos, que se sintetizam de maneira específica em cada adolescente. Por isso, articulamos elementos conceituais de diferentes fontes disciplinares com o propósito de realizar uma leitura mais ampla tanto da identidade quanto da adolescência. A personalidade é um conjunto de representações de si e essas representações são sempre valores, imagens que cada um tem de si e, num sentido psicológico, entende-se como um investimento de afetividade. E completamos o conceito de identidade acrescentando outro conceito, o de moral, delimitando, então, a “identidade moral”, que nos parece ser mais interessante para explicar o momento de desenvolvimento em que os adolescentes estão. O referencial teórico transita entre autores da psicologia moral, do desenvolvimento humano, da filosofia e psicanálise.

E agora falando da crise. Cada estágio de desenvolvimento, segundo Erikson (1992) supõe uma crise, mas que não pode ser encarada como fatalidade, mas sim, um “ponto de mutação, um período crucial de vulnerabilidade incrementada e de mais alto potencial”ⁱⁱ (Erickson, 1992, p. 82), que se conjuga com as condições sociais e culturais de cada contexto. Desta maneira, nas palavras do autor, a etapa adolescente representa um período de crise constitutiva ou normativa da identidade, que tomará tonalidades distintas dependendo da sociedade e da cultura em que vive o sujeito. A crise se explica no jovem porque ele se depara com uma “revolução fisiológica” dentro de si mesmo, que desestrutura sua imagem corporal antes constituída e sua identidade antes estabelecida. A adolescência, continua Erikson (1992, p. 111), é a etapa em que se acentua o conflito de identidade, “é quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta”.

Na sociedade ocidental, a adolescência é a época em que: “ (...) a puberdade genital muda o organismo e a imaginação, com todo gênero de impulsos; quando se aproxima a intimidade com o sexo oposto e quando o

futuro imediato confronta o sujeito com demasiadas possibilidades e conflitos” (ERICKSON, 1992, p. 114)ⁱⁱⁱ.

Neste processo, e desde o plano psicológico, se destaca a crise normativa da adolescência que engloba as etapas anteriores e que se converte em um momento de mudança e reestruturação da própria personalidade, representando potencialidades para estruturar o futuro.

Por fim, tomamos emprestada de Gilligan (1994), a concepção de intimidade: não é somente o cuidado com o outro, mas também é uma relação afetiva, como vínculos de amizade, apoio, confiança, comunicação e empatia; a autora explica que pode ser uma construção de espaços de relação intersubjetiva mediados pela afetividade, de onde se coloca a capacidade de se doar e pensar no outro. A intimidade também envolve outros aspectos do desenvolvimento psicossocial. Em particular, a intimidade com os pares tem implicado no próprio desenvolvimento da identidade porque se caracteriza como a oportunidade de compartilhar percepções e sentimentos com outros adolescentes. Por meio disto, afloram as crenças egocêntricas de que todos os adultos se preocupam com seu comportamento – audiência imaginária – ou surgem as sensações que suas experiências são únicas – fantasias pessoais. Erikson (1992) também conclui que a intimidade como um aspecto de interdependência, originária das experiências do ambiente familiar e das amizades com parceiros do mesmo sexo que são prioridades para os adolescentes, é essencial para o desenvolvimento do jovem.

As teorias e as discussões atuais sobre a influência dos âmbitos sócio-culturais na construção da identidade pessoal nos faz considerar as relações que vivem os jovens na família, na escola e nos grupos sociais e como eles próprios concebem e valoram estas relações. Com isto, também se enfatiza a dimensão íntimo-afetiva da identidade, ao documentar as relações dos adolescentes com seus pais, irmãos, amigos e professores. Estas relações são vistas como espaços privilegiados onde os adolescentes se formam e se apropriam seletivamente de significados.

A ambiguidade da condição juvenil aliada à busca de uma identidade e de uma perspectiva para sua vida faz com que a sociabilidade ocupe uma posição central na vivência juvenil (PCN/Ética, BRASIL, 1997). É nesse espaço que os adolescentes podem vivenciar novas experiências, criar identificações e laços de solidariedade, meios tipicamente juvenis para realizar as descobertas necessárias à elaboração de suas identidades e de seus projetos de vida para responder às perguntas: quem eu sou? Quem eu quero ser? O que eu quero para mim e para a sociedade? Este artigo discutirá aspectos de algumas manifestações dos adolescentes referentes aos gostos e preferências, assim como seus valores e expectativas para o futuro.

Método de Investigação

O objeto de estudo deste trabalho se refere à construção da identidade de adolescentes escolarizados, e implicou uma análise eminentemente qualitativa interpretativa, envolvendo os aspectos que eles selecionaram como mais significativos para suas vidas atuais e futuras. Os sujeitos investigados somaram um total de 52, de ambos os sexos, de 6ª série do ensino fundamental, na faixa etária de 10 a 13 anos, de uma determinada escola pública de grande porte da cidade de Santos. Partindo do pressuposto que a escola é um ambiente privilegiado de construção da identidade, esta escola foi selecionada porque tem certo prestígio em seu bairro. E a amostra foi utilizada como uma primeira exploração, por atender às condições sócio-econômicas^{iv}, visão de mundo, faixa etária e valores. Este grupo já vinha sendo trabalhado em observação aberta por duas alunas do curso de Psicologia, na época da coleta, que desenvolviam estágio nesta escola. A amostra foi considerada válida porque envolveu 5% das classes deste nível escolar, além da seleção de nomes ter sido em grande parte indicada pela direção da escola.

Utilizamos um desenho-esquema para explorar aspectos projetivos das personalidades jovens, suas expectativas de futuro e, conseqüentemente, seus valores. O instrumento de investigação já era material utilizado em trabalhos com adolescentes no estágio de Psicologia Escolar por alunos do Curso de Psicologia e/ou em trabalhos de Orientação Profissional. Assim, de certa forma, já havia sido testada a sua eficácia. Apresentamos a folha aos jovens e solicitamos que a preenchessem, inicialmente, nas sub-setas e seta em branco para, posteriormente, preencherem a lista ao lado.

O instrumento permitiu dois momentos de reflexão: primeiramente, o jovem deveria completar as sub-setas indicativas da estrada fictícia, especificando suas expectativas de vida futura em relação à Família, Trabalho, Estudos e Lazer, aspectos que já aparecem discriminados na figura com a respectiva sub-seta em branco logo abaixo. Há, também, uma *seta* em branco, para a categoria principal, para que cada um pudesse escolher o que gostaria de registrar. E, posteriormente, cada participante deveria colocar ao lado, numa ordem de importância própria, do primeiro ao quinto lugar, as cinco categorias dispostas nas setas, incluindo a categoria criada na *seta* em branco.

Este instrumento, embora simples, pode promover o surgimento de características importantes para o adolescente em seu Projeto de Vida, como é o caso da estrutura que expressa a disposição da pessoa frente o domínio do futuro, em suas direções essenciais e nas áreas críticas que requerem decisões vitais (D'AUREA TARDELI, 2006). A configuração, conteúdo e direção do Projeto de Vida estão vinculados ao contexto social do indivíduo, tanto em sua expressão presente como na perspectiva antecipada dos acontecimentos futuros, ou seja, é sempre impregnado de valor.

A partir da experiência social do sujeito, se estruturam os recursos disponíveis da pessoa, as necessidades, objetivos, aspirações, atitudes e valores vitais. Como todos estão integrados num contexto múltiplo e

concreto, necessitam ser considerados em suas especificidades e relações, assim como em sua dinâmica. Por isso, o esquema de setas e sub-setas, possibilita a apresentação dos aspectos mais gerais e categorias principais, para depois apresentar as particularidades de cada categoria.

Além disso, o Projeto de Vida se caracteriza por sua temporalidade, ou seja, a relação entre a concepção e o emprego do tempo presente com as expectativas do emprego do tempo futuro. O tempo é um aspecto muito importante da estrutura dos projetos de vida, por isso a maneira como os jovens colocaram suas aspirações para o futuro, destaca seus estilos de vida e seus significados, bem como as condições de vida concretas na sociedade em que vivem.

Resultados e Discussão

Com a apuração da ordem de preferência das quatro categorias do formulário mais a categoria criada pelo participante, o resultado, tanto para meninos como para meninas, aponta a constituição de uma *Família* própria como a primeira opção, aparecendo em aproximadamente 60% dos formulários dos adolescentes estudados. A identificação da categoria Família vem acompanhada de intenções de casamento e de filhos. Este resultado já era esperado porque há estudos sobre adolescência que confirmam esta escolha, justificando o quanto a família é significativa para esta faixa etária.

O papel da família, principalmente no desenvolvimento social, é indiscutivelmente o tópico mais estudado no campo da adolescência (COLLINS; STEINBERG, 2008). A literatura que discute as relações de pais e adolescentes tem sido revista frequentemente, extensiva e significativamente, porque a sociedade ocidental mudou nos últimos vinte anos e, com isso, a estrutura familiar também se alterou.

a) Família

O valor da *família* é importante para o desenvolvimento da auto-estima e da moralidade das personalidades jovens. A relação que se estabelece ainda na infância com os pais, especialmente com a mãe, segue simultânea com o desenvolvimento da capacidade de auto-regulação, influenciando significativamente na evolução do auto-conceito interno. Estudos sobre o desenvolvimento moral nos mostram que toda criança necessita de uma figura significativa para poder desenvolver um auto-conceito maduro e estável. A família é o primeiro agente socializador universal no processo de aprendizagem social e interpessoal, na formação de valores, e é por meio dela que os indivíduos adquirem sentimentos sobre si mesmos que refletem o trato que receberam de seu ambiente social (BANDURA, 1996). Vale dizer que os sujeitos, em grande parte, se descrevem e valoram a si próprios da mesma forma em que são vistos e valorados pelos membros familiares por adultos cuidadores.

A comunicação, as relações afetivas, a organização na realização das atividades, a importância dos valores, são aspectos que caracterizam o clima familiar e contribuem decisivamente com o desenvolvimento pessoal dos mais jovens. O grupo familiar proporciona às crianças os sinais iniciais de afeto, aceitação ou rejeição, êxito ou fracasso e valoração. Todas as suas necessidades são satisfeitas dentro deste grupo e para as crianças, os pais e irmãos se convertem em “outros significativos” com os quais ocorrem interações intensas e significativas. Estas primeiras relações humanas atuam como protótipos que permitem o sujeito intuir as expectativas que os demais projetam sobre ele (ESCRIVÁ; PÉREZ-DELGADO, 1997).

Estudos e teorias sobre o desenvolvimento sugerem que é na adolescência, quando o sujeito é verdadeiramente auto-consciente, que ele é capaz de empregar a capacidade de auto-reflexão para compreender a si mesmo e decidir uma conduta. Quando os adolescentes da amostra elegem a família em suas primeiras opções demonstram que possivelmente internalizaram os valores sobre si, desde os primeiros anos de formação. Isto ocorre porque a aprendizagem provém da observação dos pais, de outras pessoas significativas e de receber mensagens sobre si mesmo a partir das próprias ações.

Segundo Bandura (1996), o papel da observação e da imitação é uma das fontes fundamentais de aprendizagem para as crianças e as condutas dos pais, os mecanismos e estratégias para solucionar os problemas e suas respostas são marcos educativos para os filhos. Os elementos que influenciam estão presentes nas boas relações de pais e filhos, caracterizadas pelo afeto e pelas identificações.

Na pré-adolescência – faixa de idade da amostra - se internalizam valores importantes e os sujeitos adquirem na família estes valores essenciais à formação moral. E, posteriormente, na adolescência propriamente dita, o sujeito compreende as suas ações porque aprendeu com os pais os hábitos, papéis sociais, e os princípios de disciplina, assim deverá saber o que é apropriado em determinadas circunstâncias sociais. E, finalmente, na etapa da adolescência, o auto-controle vai se potencializando, de onde se conclui que os pais são agentes poderosos de socialização que exercem uma influência crítica no desenvolvimento pessoal e social dos filhos e podem promover o amadurecimento para condutas pró-sociais.

b) Estudo

A categoria imediatamente abaixo da primeira, já apresenta distinções entre os gêneros, ficando os meninos com a opção para *Estudo* e as meninas, com as descrições da Seta em branco na qual apresentam novas categorias: *Amor e Amizade*. Nos registros das Setas em branco no formulário dos meninos, há o predomínio também da categoria Amizade junto com Relacionamento Sexual, porém não aparecem de forma expressiva nas preferências da lista. Ressaltamos que o valor da amizade

para os jovens é de fato significativo, pois ele é escolhido na *seta* em branco, ou seja, surge espontaneamente.

Falando inicialmente sobre o *Amor*, estudos confirmam a diferença nas escolhas entre os gêneros, que indicam que as meninas, geralmente, apresentam uma tendência para centrarem-se nos aspectos interpessoais no percurso da formação de sua identidade, com vínculos e conexões; já os meninos se voltam para as características intrapessoais e mais individualistas (KIMMEL; WEINER, 1998). Os aspectos que se referem a compromissos, com o trabalho (como falaremos mais a frente), são valores mais centrais nos meninos, e os compromissos referentes a amizades e amores, relacionamentos e casamento, são mais significativos nas meninas. Além disso, as meninas, pelo que apontam várias pesquisas, despertam a sexualidade antes dos meninos; por isso, as expectativas de relacionamentos afetivos são mais recorrentes e elas buscam uma relação de enamoramento, uma via para dar e receber amor. Já, nos meninos, o aspecto da sexualidade aparece de forma significativa nas *setas* em branco, pois os meninos nesta faixa etária buscam uma auto-afirmação frente ao grupo.

A adolescência pode ser caracterizada como uma luta interna para resolver e integrar os sentimentos e as crises das etapas da infância. O jovem, no geral, busca “um novo sentimento de continuidade e igualdade consigo mesmo, que agora tem de incluir também a identidade sexual”^v (ERIKSON, 1992, p. 110). Com ela, se abre uma janela aos relacionamentos amorosos, o que conduz à intimidade, à relação subjetiva e profunda com outro que o ajuda a configurar sua própria identidade e a definir o lugar que os outros ocupam em sua vida e em seus valores. As atenções dos adolescentes se voltam para o sentimento de pertencimento ao grupo de pares e é o grupo que suporta os relacionamentos de casais as conexões com outros grupos.

Os adolescentes vivem problemas densos que dizem respeito à sua sexualidade e às suas relações afetivas. Isto se relaciona com a confiança em si mesmo, já que, na cultura ocidental, a adolescência é o momento das primeiras relações afetivas fora da família. Nesta fase, são notáveis as mudanças nas relações com o outro sexo, que não deixa de ser um vínculo de amizade, só que mais íntimo; uma forma de compartilhar sentimentos.

Os namoros ou amizades mais íntimas implicam comunicação, apoio e respeito. Erikson (1992) afirma que, nesta etapa, o(a) namorado(a) não significa uma “questão sexual”, mas sim, “é uma tentativa para chegar a definir a própria identidade, projetando sobre o outro a imagem difusa sobre si mesmo e para vê-la assim refletida e gradualmente clarificada”^{vi} (p. 113). O amor adolescente consiste em conversação, em interação.

Embora, o relacionamento afetivo seja vivido e significado de forma diferente por homens e mulheres; no geral, é uma experiência importante para ambos. Nele, encontram e estabelecem níveis de intimidade que se traduzem em apoio, confiança, motivação, conhecimento de si mesmo e do outro, e isto permite estabelecer uma “ponte afetiva” que dão as bases para o amadurecimento emocional. Mesmo que precária esta ponte conduz à

construção de uma identidade sexual e emocional relativamente definida a partir da adolescência.

c) Amizades

Por outro lado, há também as *Amizades*. O grupo de amigos representa para os adolescentes um apoio fundamental. É nele que encontram o reforço necessário para os aspectos em constante mudança de sua personalidade. O grupo os ajuda a diferenciarem-se de sua família e a reconstruírem sua identidade. É de grande importância porque o adolescente transfere para o grupo, parte do apego que anteriormente mantinha com a família e com os pais, em particular, porque geralmente os adolescentes escolhem como amigos outros adolescentes que similares a eles. Ao modificar estes laços afetivos, a amizade de seus pares adquire uma importância que não tinha antes, segundo Delval (2000). Os amigos constituem a transição necessária para o mundo externo, permitindo que atinjam a individualidade adulta já que, passando pela experiência grupal, o jovem vai, aos poucos, se separando e assumindo a identidade madura. Os adolescentes dão especial importância para o companheirismo como uma condição necessária ao seu bem-estar, e o comprometimento e a intimidade são expectativas sempre presentes, especialmente nas meninas.

No que se refere à questão da intimidade, os amigos e o grupo de pares têm uma importância primordial para os adolescentes; são poucos os que não têm ou não buscam um amigo especial com quem compartilhar suas inquietações, dúvidas, perdas e aventuras. No processo de definição da identidade, a relação com os pares é uma condição necessária para fortalecer os processos de apego e auto-conceito do adolescente. Assim, escutar e apoiar o outro e vice-versa representa um espaço íntimo de amizade e confiança, que fortalece o sujeito e permite recontextualizar seus significados. Os adolescentes, por darem uma grande importância para a amizade, atribuem valor a certos amigos que se constituem como especiais nas relações.

O sentido da amizade vai se modificando dependendo da faixa etária, como assinala Delval (2000). A intimidade entre amigos se dá no campo da interação onde o adolescente se confronta com seus pares, põe em jogo suas preferências, se identifica com certos amigos, se reconhece e é reconhecido pelo outro. “Por ter uma identidade pouco formada, o adolescente forma uma identidade gregária, compartilhada com outros e estabelecida também mediante identificações com personagens públicos, figuras da música, espetáculos, heróis que se convertem em modelos”^{vii} (DELVAL, 2000, p. 584). No campo da moralidade, estas figuras célebres e reconhecidas pela mídia são fortes modelos de conduta, às vezes influenciando positivamente na compreensão ética de mundo e, às vezes, nem tanto.

Concluindo, a construção da identidade se dá de maneira relacional e intersubjetiva, em que o amor e a amizade têm um papel decisivo. Em tal processo, os outros, as pessoas mais próximas dos adolescentes, como os

pais, amigos, irmãos ou primos e professores, constituem fortes suportes que os impulsionam à constituição para sujeitos autônomos. Representam figuras de apego e de transição ou ainda, modelos de identificação e depositários do amor que lhes ajudam a construir sua identidade. Na afirmação de Kaplan (1986, P.122), “o amor ao outro, com todas as suas frustrações e limitações, é a rede de segurança da existência humana”.

Falando agora da categoria *Estudo*, que aparece para os meninos na mesma posição de amores e amizades para as meninas. A partir da terceira posição, a opção não é tão significativa, mas analisamos mesmo assim porque julgamos os resultados interessantes. A categoria *Estudo* aparece também em quarto lugar na ordem de preferência das meninas. Muitos adolescentes têm o firme propósito de seguir estudando para chegar a uma carreira profissional e, sem dúvida, as condições sócio-econômicas de suas famílias são um forte limite para isto. De tal modo que, para muitos jovens, ainda que disponham de certos recursos financeiros e, principalmente agora, com sistemas de bolsas de estudo mais ampliado na entrada das universidades, sabem que seus pais têm que se esforçar ao máximo para apoiá-los para que sigam estudando.

Em termos gerais, podemos dizer que, dentro da cultura local e regional, a história da Baixada Santista, a tradição, a dinâmica social e econômica vem tecendo a heterogeneidade de significados e a diferença sócio-econômica das comunidades da região. A amostra que escolhemos vem de uma escola cujas famílias são típicas desta regionalidade. Dependendo do bairro da cidade, as carências econômicas e os níveis de escolaridade marcam sérias diferenças, historicamente construídas, nos benefícios do desenvolvimento. Se há estas desigualdades, há o reflexo direto na maneira como os jovens constroem suas formas de pensar e atuar, seus projetos e expectativas. Assim, o valor do estudo é distinto, dependendo do jovem e de seu contexto familiar. Muitas vezes, o estudo é um valor muito mais representativo para os pais do que para os filhos, pois esperam que estes, por meio da formação acadêmica, possam conseguir futuramente uma “vida melhor” do que a deles próprios.

d) Trabalho

A categoria que aparece, em terceiro lugar, é *Trabalho*, para ambos os gêneros. Interessantemente, na ordem de preferência dos meninos aparece não só na terceira posição, como na quarta e na quinta. Se somarmos as opções, temos nos formulários dos meninos uma média superior a 60% para a categoria trabalho, que aparece em três posições das cinco oferecidas, incluindo a opção em branco. Numa sociedade capitalista e conservadora, como a nossa, de fato, a escolha de uma profissão é uma das decisões mais importantes para o jovem, porque está relacionada à possibilidade de sucesso (DAMON, 2008). Para muitos rapazes, buscar um trabalho se converte em um meio para demonstrar que são amadurecidos, independentes economicamente, emancipados dos pais e capazes de ganhar a vida. Para eles, trabalhar supõe um meio para entrar no mundo adulto.

Há várias razões que explicam a importância da escolha vocacional. É natural às pessoas buscar satisfazer as necessidades de reconhecimento, elogio, aceitação, aprovação, amor e independência. Uma forma de conseguir é assumindo uma identidade vocacional, tornando-se alguém a quem os outros podem reconhecer e valorizar. Identificando-se com uma vocação, os sujeitos encontram a auto-realização e satisfação consigo mesmo. Se os adolescentes creem que a vida tem um significado e um propósito, segundo Damon (2008), se esforçam para encontrar e viver estas sensações numa forma de empregar o tempo, talento e energia. Uma forma de fazer isto é mediante o trabalho que realizam. As aspirações vocacionais “mais altas” são uma consequência de uma alta auto-estima e um fator que muito contribui para uma auto-imagem (auto-conceito) superior. Na medida em que os adolescentes têm êxito frente os demais, sentem-se satisfeitos e reconhecidos. Segundo Damon (2008), em sua busca de identidade e satisfação consigo mesmo, estão fortemente motivados para fazer uma seleção vocacional que contribua com sua auto-realização.

Contudo, escolher um trabalho é uma tarefa cada vez mais complexa. Se possível, os adolescentes devem de fato, fazer uma escolha racional e pensada das vocações porque se fracassarem na tentativa de identificarem-se com o tipo de trabalho para o qual estão destinados e com o qual podem encontrar satisfação e realização, sua falta de identificação vocacional refletirá seu fracasso ainda maior em descobrir sua própria identidade. De certa forma, terão fracassado na tentativa de descobrir que sentido tem suas vidas. Assim a escolha de um trabalho não implica somente a pergunta: *como posso ganhar a vida?* Mas também questionar-se: *o que vou fazer com ela?*

e) Lazer

Uma última categoria a ser discutida é o *Lazer*. Ainda que apareça em quinto lugar nas preferências das meninas, julgamos importante sua análise. O lazer aponta a cultura local e os meios culturais com os quais os jovens têm acesso como outra fonte importante de apropriação de significados. Os adolescentes, em geral, vão definindo seus gostos e preferências ao identificarem-se com certos tipos de música, programas televisivos, filmes e clubes. Neste processo têm uma grande influência, tanto a cultura global que lhes chega por meio das mídias eletrônicas, principalmente a televisão, como a cultura local e as próprias condições sócio-econômicas e culturais da família, da comunidade e da região onde se desenvolvem. Podemos dizer ainda que os meios, os modelos de vida e a imagem do que é ser jovem, difundidos na televisão, representam um poderoso campo de construção de sentidos para os adolescentes e, principalmente, para as meninas. As identificações, que têm lugar a partir das interações com esta mídia, causam impacto na constituição da auto-imagem por causa das representações simbólicas que são estabelecidas.

No caso das meninas, englobamos a moda na categoria Lazer. Adolescentes urbanas adotam estilos e linguagem de grupos urbanos como

parte da cultura juvenil ou contra cultura. As meninas deste contexto preferem se vestir de acordo com “a moda” atual para a faixa etária. Isto inclui não só as roupas, como a forma de se pentear e de usar adereços. Nos adolescentes urbanos há uma forma de se vestir que adere a posição de contravenção das normas aos estilos hegemônicos de conduta, principalmente os jovens que se apropriam do espaço público, como as ruas, *lanhouses*, praças, onde se configuram significados que descrevem um tipo de linguagem e um tipo de visual que, por vezes, ironiza a cultura adulta, como fazem determinadas “tribos” jovens – *punks*, góticos, emos etc.

Por fim, temos os registros das sub-setas. Há um resultado expressivo para a categoria Lazer em que, na sub-seta em branco, há grande incidência do valor *Esporte*, tanto para meninos como para meninas. A categoria principal Lazer não aparece como significativa na ordem de preferência dos jovens pesquisados, porém inserida nela há o sub-valor *esporte* que é recorrente em sua grande maioria. Aparecem, ainda, registros de Cinema/Lazer, em alguns formulários. Podemos levantar uma hipótese de que o contexto social desta pequena amostra é precário, pois não consegue ver outras possibilidades de lazer como significativas.

Considerações finais

A adolescência representa uma etapa fundamental. É um momento crucial de reorganização da identidade do jovem em que há a modificação da imagem de si mesmo, das relações mais íntimas, do reconhecimento de seu lugar no mundo e de um horizonte em seu próprio desenvolvimento. A partir deste estudo, pudemos sintetizar algumas questões para reflexões e, conseqüentemente, desdobramentos pedagógicos:

a) Em geral, os adolescentes vivem uma fase de tensão entre as mudanças que vão experimentando e o que socialmente normatiza como ser amadurecido, autônomo, responsável. O fato de crescerem e adquirirem as características dos adultos, psicologicamente supõe para eles, ocuparem um lugar no mundo dos pais. O jovem se desfaz de atitudes e aspectos do seu mundo infantil e assume valores e projetos que orientam seu futuro.

b) Meninos e meninas vivem de maneira distinta suas trocas emocionais e sexuais durante a adolescência. Para ambos, a relação com o outro sexo tem uma forte influência na construção de sua identidade, sendo que uns buscam a afirmação de seu *self* masculino e outros, conexão e afetividade que os levam ao auto-valor. Com isso, a crise de identidade da adolescência, contém também os conflitos de intimidade e impulsos profundos que fazem dela uma crise potencialmente criativa, base da personalidade adulta.

c) Nas relações de intimidade, a família tem um papel fundamental para os adolescentes, especialmente a mãe. Ela é a pessoa de quem mais

eles se aproximam e a que mais confiam, ou a que mais admiram, ainda que não demonstrem isto. Num contexto onde há a predominância do código masculino, a mãe é uma figura de maior apoio, carinho e confiança.

d) A amizade com os pares encerra uma importância vital para os adolescentes. A amizade e o apoio, que recebem dos amigos, representam uma força que impulsiona e acompanha o desenvolvimento e é um aspecto fundamental que aponta para os juízos de valor de muitos adolescentes. Em geral, o grupo de amigos é um espaço necessário para a construção da identidade dos adolescentes. Nos amigos encontram as possibilidades de empatia com os pais e a segurança de empreender juntos ações e aventuras que fortalecem sua auto-avaliação, autonomia e, por fim, sua identidade.

e) O Trabalho aparece como um elemento decisivo nas projeções dos meninos e muitos constroem seus projetos em função da possibilidade real de seguir uma carreira profissional. Este projeto e a convicção de seguir estudando – outra categoria que não é desprezada – tem uma relação direta com o êxito da escola ou não, com a intenção de contribuir com a sociedade, de ajudar os outros, de “ser alguém na vida”.

As condições sociais e culturais e os seus significados construídos, a partir daí, causam forte impacto nas representações e projeções simbólicas dos jovens e em sua própria maneira de ser, pensar e atuar. A cultura internalizada, permeada por condições e processos históricos, influi em seus processos de construção de identidade e em suas expectativas.

Os jovens urbanos adotam muitos traços da cultura local, incorporam gostos e preferências e constroem seus projetos de vida em função da possibilidade real de realizar uma carreira profissional. Este projeto e a convicção de continuar estudando tem uma relação direta com o tipo de escola em que estudam, com os valores da família em “ser alguém na vida” e a intenção de inserção na sociedade em que vivem. Os projetos futuros dos adolescentes desta pequena amostra representam, de forma geral, as suas expectativas de melhorar sua condição de vida, de realizar seus sonhos e esperanças e de buscar o seu lugar no mundo.

Referências

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BANDURA, A. *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. N.J. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto – MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Transversais, Ética*. Brasília, 1997.

BROFENBRENNER, V. *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

COLLINS, W.A.; STEINBERG, L. Adolescent development in interpersonal context. In: W. DAMON; R. M. LERNER (Eds.). *Child and Adolescent Development*. Hoboken, N.J.: Wiley, 2008.

DAMON, W. *The path of purpose*. New York, NY: Free Press, 2008.

DELVAL, J. *El desarrollo humano*. México: Siglo XXI Editores, 2000.

D'AUREA-TARDELI, D. *A manifestação da solidariedade em adolescentes: um estudo sobre a personalidade moral*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. Adolescência, personalidade e projeto de vida solidário. In: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S.S. (Orgs). *Crise de Valores ou Valores em Crise?* Porto Alegre: ArtMed, 2009.

ERIKSON, E. *Identidad, juventud y crisis*. Madrid: Taurus, 1992.

ESCRIVÁ, V. M.; VILAR, M. M. Autoconcepto y Desarrollo personal. In: ESCRIVÁ, V. M.; PÉREZ-DELGADO, E. *Cognición y afecto em el desarrollo moral – evaluación y programas de intervención*. Valencia: Promolibro, 1997.

GIGLLIGAN, C. *La moral y la teoria. Psicología del desarrollo femenino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

KAPLAN, L. J. *Adolescência: El adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós, 1986.

KIMMEL, D. C.; WEINER, I. B. *La adolescência: uma transición del desarrollo*. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 1998.

LA TAILLE, Y. *Formação ética – do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

_____. *Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

LERNER, R.; STEINBERG, L. (2004). The scientific study of adolescence: past, present and future. In: R. LERNER; L. STEINBERG (Eds.). *Handbook of adolescent psychology*. Hoboken, NJ: Wiley, 2004.

PUIG, J. M. *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

NOTAS

ⁱ Alguns autores como Puig, Damon e Colby utilizam o termo *self* para explicar a personalidade e completam com o *moral self*, ou personalidade moral. La Taille (2006) utiliza a expressão personalidade ética porque articula os planos moral e ético. Para ele, “a ética engloba a moral, a expansão de si, o sentimento de articula os planos moral e ético. Para ele, “a ética engloba a moral, a expansão de si, o sentimento de obrigatoriedade” (p. 133).

ii Citação traduzida da língua espanhola

iii Citação traduzida da língua espanhola

iv As famílias destes alunos se enquadram na classe média santista, com pais micro-empresários no próprio bairro ou funcionários de porto e/ou usina siderúrgica, porém com pouca escolaridade.

v Citação traduzida da língua espanhola.

vi Citação traduzida da língua espanhola.

vii Citação traduzida da língua espanhola.